



**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM/MS  
CURSO DE LETRAS**

**ISABEL BATISTA DE OLIVEIRA**

**TÍTULO**

**A oralidade e sua interferência na escrita: Efeitos  
da falta de leitura na ortografia**

**Jardim – MS**

**2020**



**Isabel Batista de Oliveira**

**A oralidade e sua interferência na escrita: Efeitos da falta de leitura na ortografia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, Habilitação Português – Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti

JARDIM – MS

2020

ACADÊMICA, Isabel Batista de Oliveira.

Título: A oralidade e sua interferência na escrita: Efeito da falta de leitura na ortografia.

Jardim: UEMS, 2019.

#### Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português – Inglês –  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

ISABEL BATISTA DE OLIVEIRA

Jardim / MS,  
2020

CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO POTUGUÊS / INGLÊS TRABALHO  
DE CONCLUSÃO DE CURSO

ISABEL BATISTA DE OLIVEIRA

A oralidade e sua interferência na escrita:  
efeitos da falta de leitura na ortografia

APROVADO EM: 03/03/20

---

Orientadora: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti – UEMS**

---

Prof. Dr. Anailton de Souza Gama

---

Profa. Esp. Maria de Lourdes Cerezer

Dedico este trabalho especialmente a Deus, pelo dom da vida e pela perseverança; e a minha família pelo incondicional apoio a essa jornada vitoriosa, estando comigo todo esse tempo.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar sou grata a Deus pelo dom da vida, à minha família, aos meus amigos e em especial as minhas filhas que sempre se fizeram presentes me ajudando nesta caminhada.

Meus agradecimentos aos colegas de sala que me proporcionaram uma caminhada satisfatória. Aos professores que sempre fizeram o possível e o impossível para garantir o melhor aprendizado tanto para mim quanto para meus colegas.

Agradeço a minha instituição e a todos que fazem a Unidade Universitária de Jardim- UEMS ser essa referência no ensino de qualidade; a todos meu muitíssimo obrigado.

Por fim, e não menos importante agradeço imensamente à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti, pela sua dedicação, compreensão e por ter confiado na minha capacidade para chegar até aqui.

Obrigada a todos! Sem vocês não seria possível à realização desse sonho.

A boa educação é  
moeda de ouro.  
Em toda a parte tem  
valor.  
Padre Antônio Vieira

## RESUMO

A manifestação de traços da oralidade na escrita é bastante recorrente entre pessoas de pouca instrução, mas não deixa de ocorrer entre estudantes dos diferentes níveis de ensino. Essa pesquisa tem como objetivo apresentar algumas das interferências da oralidade na escrita, que se configuram, no âmbito didático, como “erros ortográficos”. A pesquisa foi desenvolvida com os alunos do 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Luiz da Costa Falcão, com o objetivo de buscar alternativas mais eficazes para o ensino/aprendizagem da ortografia padrão. Para que este objetivo fosse alcançado, foi preciso buscar suporte teórico em alguns pesquisadores que têm como foco as temáticas desta pesquisa, como: Marcuschi (2010), Possenti (1996), Bortoni Ricardo (1991), Cagliari (1993) Castilho (1998), Santos (2014), Antunes (2003) e Ferreira e Vieira (2013). Durante a pesquisa foi observado que os alunos, mesmo estando no ensino médio, tinham bastantes dificuldades com a ortografia e a escrita; nos textos era claramente observável a influência muito grande da oralidade: para os alunos não existia diferença, a linguagem não obedecia nenhuma norma. A conclusão a que chegamos é que a falta de leitura aliada à falta de motivação resultam na produção textual de baixa qualidade, sobretudo no quesito ortografia. Com o desenvolvimento da pesquisa, contudo, os alunos tiveram a oportunidade de observar seu desempenho ortográfico em suas redações e, com a aplicação de nossas propostas didáticas de ensino de ortografia, eles passaram a entender melhor que a escrita tem um conjunto de regras a ser observado e que há uma diferença entre a oralidade e a escrita.

**Palavras-chave:** oralidade; escrita; ortografia;



## ABSTRACT

The manifestation of traces of orality in writing is quite recurrent among people with little education, but it nevertheless occurs among students from different levels of education. This research aims to present some of the interferences of orality in writing, which are configured, in the didactic scope, as "spelling errors". The research was developed with students from the 1st year of high school at the Escola Estadual Luiz da Costa Falcão, with the objective of seeking more effective alternatives for teaching / learning standard spelling. For this objective to be achieved, it was necessary to seek theoretical support in some researchers who focus on the themes of this research, such as: Marcuschi (2010), Possenti (1996), Bortoni Ricardo (1991), Cagliari (1993) Castilho (1998), Santos (2014), Antunes (2003) and Ferreira and Vieira (2013). During the research it was observed that the students, even though they were in high school, had a lot of difficulties with spelling and writing; in the texts it was clearly observable the very great influence of orality: for the students there was no difference, the language did not obey any norm. The conclusion we reached is that the lack of reading coupled with the lack of motivation result in low quality textual production, especially in terms of spelling. With the development of the research, however, the students had the opportunity to observe their spelling performance in their essays and, with the application of our didactic proposals for teaching spelling, they came to better understand that writing has a set of rules to be observed and that there is a difference between orality and writing.

Keywords: orality; writing; orthography.

## Sumário

<b>CAPÍTULO I</b> .....	13
Contextualização .....	13
<b>Capítulo II</b> .....	19
Referencial teórico .....	19
<b>CAPÍTULO III</b> .....	24
Análise dos dados.....	24
1ª- Ocorrência .....	25
2ª- Ocorrência .....	25
3ª- Ocorrência .....	26
4ª- Ocorrência .....	26
5ª- Ocorrência .....	27
6ª- Ocorrência .....	28
7ª- ocorrência .....	29
8ª- Ocorrência .....	29
Considerações finais .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a influência da oralidade na escrita através dos textos produzidos por alunos do ensino médio, observando-se em suas redações o uso de palavras inadequadas como: gírias do dia a dia, equívocos ortográficos e outras manifestações da oralidade. Tais variações não devem ser consideradas como erros, sendo importante, antes, observarem-se hábitos socioculturais do aluno, pois estes, entre outros fatores, vêm interferindo na produção da escrita. O intuito deste trabalho é mostrar as ocorrências ortográficas que apontam as marcas da oralidade na escrita dos estudantes do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Luiz da Costa Falcão na cidade de Bonito, Mato Grosso do Sul.

A pesquisa foi desenvolvida durante o período de estágio de língua portuguesa. Uma das professoras fez um comentário sobre a defasagem na escrita dos alunos, então surgiu a ideia de desenvolver o projeto com aquela turma, o qual já estava no papel, só precisava ser colocado em prática. Foram recolhidas as redações dos alunos para serem analisadas; durante a análise pode-se constatar as dificuldades ortográficas dos alunos, o que se constituiu em preciosa oportunidade de, como estagiária, ajudar aquela turma.

O maior índice de ocorrências observado durante o período da pesquisa foram os vícios de linguagem atuais, que são influenciados pelas novas tecnologias, ou seja, existe uma linguagem utilizada nas redes sociais uma linguagem utilizada nos documentos e textos que vem se tornando um grande problema. A leitura nas redes, rápida e dinâmica, é superficial, não leva o indivíduo, ao ler, a refletir sobre o texto, os alunos detêm sua atenção na informação e não na forma como está escrita, sem se preocupar se a forma gramatical está adequada ou não. Por outro lado, nota-se uma falta de comprometimento individual dos alunos em relação aos estudos, fato que se reflete também no desempenho escolar, observável não só na expressão escrita, como também na própria oralidade.

Nessa medida, a pesquisa assume um papel estratégico de mediação entre a detecção das dificuldades dos alunos em relação à produção escrita (e suas causas) e a proposta de alternativas de ensino-aprendizagem da norma culta e aprimoramento do léxico e da expressão verbal.

É do senso comum a ideia de que a escrita é o registro da fala; tal falácia conduz a relativa negligência, por parte do falante, no ato do registro escrito.

O que não se percebe é que a língua falada é aprendida de forma bastante diversa da língua escrita: aquela, de forma natural, enquanto esta se rege formalmente por um

conjunto de regras (gramática), de modo que este registro escrito não seja uma mera reprodução da língua falada, mas um complexo meio de expressão que corresponde a um capital político e simbólico, um verdadeiro instrumento de poder, não obstante o bem falar também o seja. Na redação, contudo, os desvios da norma padrão são potencializados pela modalidade escrita, o que, de certa forma, é atenuado na expressão oral, exceto em situações de extrema formalidade.

A modalidade de desvio da norma padrão escolhida para ilustrar a significativa diferença entre a expressão oral e a expressão escrita foram as palavras homófonas, porém heterográficas. Assim, todos os textos foram analisados e de cada um foram retiradas algumas palavras que davam sentidos diferentes aos enunciados; a seguir, foi sugerido que formassem grupos para discutir o sentido de cada palavra usando dicionário e a regra ortográfica de forma que os alunos refletissem sobre a relação entre escrita e oralidade.

## CAPÍTULO I

### Contextualização

A escrita é uma forma de produção textual de suma importância no meio social assim como a fala, independentemente de terem características diferentes devido a várias circunstâncias. A escrita, a princípio um registro de fala, na verdade veio facilitar a comunicação, a informação e os registros através do tempo e do espaço, ou seja, a partir do advento da escrita os homens passaram a se comunicar remotamente e a produzir registro histórico (o texto passou a atravessar a temporalidade e atingir leitores através dos tempos). Soma-se a isso o papel que a escrita adquiriu na produção, transmissão e manutenção de valores (cultura), bem como na manutenção do próprio código linguístico, considerando-se a estabilidade que o conjunto de regras da norma culta escrita imprime no idioma.

Para Cegalla (2008, p.368), a escrita é “arte ou técnica de gravar a fala por meios de símbolos visuais”. Já Mattos (2011, p.471) explica que a oralidade é “a qualidade do que é oral”. Por serem duas formas de expressão de um mesmo idioma e a despeito de possuírem modos próprios de funcionamento, observam-se inúmeras interferências da oralidade na escrita.

A escrita possui características próprias: exige o planejamento de ideias, a reflexão sobre o que se vai escrever, registrar, diferentemente da fala que é espontânea, em que tudo é imediato: este já é um aspecto que demonstra que a escrita não é a transcrição da fala.

Quando a criança, o jovem e o adulto chegam à escola sabem falar e se expressar com eficiência em sua língua materna, por isso que a oralidade tem influência sobre a escrita, principalmente quando a criança começa a ser alfabetizada. Tal fato demanda especial atenção e acompanhamento para que não se torne uma prática habitual e naturalizada.

A escrita dos alunos se afasta da norma padrão da língua portuguesa por uma série de fatores: durante a observação dos textos redigidos por eles, o som de alguns fonemas é confundido com outros, devido à variante sonora pronunciada na fala; sendo assim, a escrita se torna mais difícil por ser mais refratária às variantes, com maior rigidez em relação a uma ordem padrão a ser obedecida.

Outro fator que prejudica o desenvolvimento de uma escrita adequada são as redes de comunicação, que, apesar de ser uma atividade diária que demanda leitura, traz poucos benefícios, porque as redes sociais utilizam o código verbal numa modalidade bastante informal, reforçando registros da oralidade. A forma multimodal produz uma linguagem própria em seus grupos, com textos que são verdadeiras reproduções da fala, distanciando ainda mais os alunos da norma culta e neutralizando significativamente a percepção de que há uma diferença entre escrita e oralidade.

Ultimamente os indivíduos estão deixando de se comunicar oralmente devido à facilidade das redes sociais e à rapidez que as novas tecnologias estão oferecendo; todas essas tecnologias de certa forma trazem benefícios, mas por outro lado elas prejudicam tanto a oralidade como a escrita, porque os alunos estão ficando desinteressados, sem estímulo e não percebem que há essas diferenças entre ambas. Mas isso só acontece por causa da postura que os internautas assumem, de forma natural, no exercício da comunicação: falta de observação e de interesse pela forma escrita, porque, embora essa nova tecnologia tenha vindo para trazer conhecimento, criou um hábito, um estilo de comunicação que privilegia os dados informados, as imagens, em detrimento da linguagem escrita. Devido a essa facilidade de comunicação entre as pessoas, existe uma defasagem na escrita porque nem tudo que se lê está escrito de acordo com a norma, ou seja, a falta de atenção tanto na escrita quanto na leitura, dando ensejo a uma decodificação mecânica e superficial, bastante diferente da leitura enquanto forma de adquirir conhecimentos, de um texto que seja lido com prazer e concentração, sobre um determinado assunto, em suportes variados como revistas, jornais, *sites* e livros, de modo a estimular o raciocínio e melhorar o vocabulário, entre tantos outros benefícios. O hábito de leitura proporciona ao leitor a aquisição de conhecimento e a habilidade de estabelecer relações de sentido, melhora significativamente a expressão oral e, sobretudo, a expressão escrita. Além desses desafios que desestimulam o uso da língua padrão, há que se considerarem outros fatores, como os chamados distúrbios de aprendizagem que muitas vezes passam despercebidos pelo educador e pelos pais. Quando a criança apresenta dificuldade em escrever, em ler, em ouvir ou apresenta problema de visão, se tais problemas não forem corrigidos no período da alfabetização, possivelmente o aluno levará essas dificuldades para a idade adulta, quando será, muitas vezes, taxado de preguiçoso. Para que esse tipo de constrangimento não venha a acontecer, o educador e os pais precisam estar alertas.

Uma das maiores dificuldades que os professores encontram na sala de aula é a falta de interesse dos alunos pela leitura, e isso vai crescendo gradativamente se o professor não buscar outras formas de incentivo que possam despertar o interesse do estudante pelo estudo. Quando o aluno tem interesse tudo fica mais claro, porque através da leitura ele passa a se comunicar melhor, sua escrita apresenta-se bem estruturada e seus textos são fluidos e de fácil compreensão. Ferreira e Vieira (2013, p.88) afirmam que;

Os usos que fazemos da língua e da linguagem se originam das nossas necessidades de comunicar e de interagir com os outros. Nessa concepção,

os estudos sobre o texto se deslocam de uma perspectiva centrada apenas nas propriedades formais das expressões linguísticas (aspectos morfosintáticos, ortográficos, por exemplo) e passam a considerar também as funções e as condições da comunicação, ou seja, da linguagem em uso. Pensar a língua em uso significa considerar o contexto da interação, os participantes, os objetivos que possuem, as tecnologias disponíveis etc. A linguagem é uma atividade interativa em que nos constituímos como sujeitos sociais: praticamos ações, assumimos compromissos e, acima de tudo, exercemos nossa cidadania.

Por esses motivos, o ensino escolar não tem a preocupação em corrigir a linguagem oral: todos sabem que não há erro na forma com que esses alunos se comunicam, porque essa linguagem produz interação entre os falantes. A fala tem legitimidade de expressão conforme a cultura de cada um.

A escola tem o dever de incentivar seus alunos, desde o ensino fundamental ao ensino médio, a cultivar e desenvolver o hábito de leitura, desenvolvendo atividades afins com frequência, para que eles possam melhorar seu desempenho ao redigir um texto. Além disso, a leitura é essencial para enriquecer o vocabulário, a expressão oral e a escrita. Para Marcuschi (2001, p. 16),

Numa sociedade letrada como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural.

A escrita é usada em contexto social do dia a dia, como no trabalho, na escola, em casa e em outras atividades intelectuais, com objetivos diversificados e variáveis, os quais determinam as relações com o contexto.

A escrita é de essencial importância para a sociedade moderna: através dela a comunicação é exercida de forma verbal, transpondo as barreiras do espaço e do tempo, além de constituir o código privilegiado de registro e veiculação de dados e de informações. Na sala de aula o aluno é avaliado pelo seu desempenho na expressão escrita; devido à grande exigência da sociedade letrada, cabe à escola buscar a melhor forma de incentivar esse aluno a melhorar seu vocabulário, sua escrita, sua leitura e seu conhecimento das normas gramaticais e ortográficas. O desenvolvimento de uma criança em relação à escrita se dá continuamente, no decorrer dos anos, conforme seu aprendizado de série em série. O incentivo que a escola dá ao aluno a ler jornais, revistas, ir à biblioteca, fazer pesquisa e trabalhar em grupos dentro da sala de aula, tudo isso faz com que o aluno tenha um desenvolvimento contínuo tanto na escrita quanto na leitura.

Quando o adolescente atravessa um bom processo de escolarização no Ensino Fundamental, provavelmente não irá ter muita dificuldade ao redigir um texto no Ensino Médio. Para que o aluno passe a ter um bom desempenho na escrita e leitura, o professor precisa estar atento para que o aluno venha a adquirir percepção entre os diferentes registros de fala e entre os diferentes gêneros discursivos.

Tanto a oralidade quanto a escrita têm sua importância diante da sociedade; a escola tem o papel fundamental em desenvolver, em seus alunos, suas potencialidades e habilidades tanto com a linguagem oral quanto com a linguagem escrita. A sociedade exige que o falante tenha um bom desempenho verbal, tanto escrito como oral; paralelamente a este fato, é papel da escola também dar a conhecer ao aluno que o português falado no Brasil é bastante variável e que devemos diferenciar a escrita, a oralidade e não ter preconceito. Antunes (2003, p.28) explica esse fato:

A escola mantém a prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada, artificial e inexpressiva nas habilidades motoras de lançar sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas.

Segundo o autor, a escola não procura fazer planejamentos específicos para que possam ajudar os alunos a desenvolver uma escrita com mais qualidade.

Na oralidade é normal haver essa modificação devido às variações culturais e regionais de cada falante. Na escrita, a abordagem didática se torna bem diferente por ser uma modalidade do código mais controlada, dotada de uma norma ortográfica padrão e algumas regras de textualização que não se encontram na oralidade. O fato de a língua falada preceder a língua escrita suscita nas pessoas o equívoco de que ela não possui regras nem padrão; contudo, há situações de uso da linguagem oral (como palestras e outras situações formais) que também seguem um padrão, a norma culta. O que os alunos devem apreender é que existem situações de fala e que o conhecimento da norma culta é um poderoso instrumento de poder.

Quando o falante escreve um texto pode ocorrer que ele perceba que não deve escrever da mesma forma que se pronuncia; a fala é um evento linguístico mais livre, produz gírias e outras formas de expressão, sobretudo oriundas de grupos de níveis socioeconômico e culturais diferentes, podendo ocorrer com falantes analfabetos ou mesmo com línguas ágrafas. A escrita, contudo, principalmente por ter sido criada após a fala, constitui-se um código de padrão mais rigoroso e consiste em eficaz estabilizador do idioma.

Na produção textual, os traços de oralidade são facilmente identificáveis, seja pelo léxico, pela estrutura sintática, ocorrências de inversões e de anacolutos, além de registros fonéticos literais ou equívocos ortográficos primários, que chegam a comprometer o sentido. Além de adequação à modalidade escrita, o produtor do texto deve atentar às características do gênero textual que está produzindo: uma dissertação, uma narração, uma descrição etc.

É preciso avaliar, ainda, o que vai ser escrito e a quem se dirige. Todos esses componentes são essenciais a uma boa produção textual e são habilidades que os alunos devem adquirir ao longo de sua formação escolar.

A falta de leitura é um dos principais fatores que contribuem para o mau desempenho na produção textual. Aliado ao desconhecimento teórico da língua portuguesa e a um programa pedagógico deficiente no que tange ao controle dessa qualidade (correções e reescritas), a falta de leitura forma o conjunto de principais



fatores responsáveis por este problema, sem contar com outras situações, como a estrutura familiar, a motivação pessoal de cada um, entre outras.

Há uma inversão dos valores em relação ao ensino: O objetivo do aluno é passar de ano e não se preocupa em aprender, o próprio sistema de certa forma ajuda o aluno a pensar assim, porque sabe que não pode ser reprovado, ou seja, chega ao final do ano e, se foi mal em alguma matéria, fica com dependência para o ano seguinte. Dessa forma fica difícil para o educador porque, se em um ano o aluno não conseguiu concluir todas as matérias, no seguinte ficará mais difícil para concluir todas e mais as que ficaram pendentes. Para que o aluno venha a ter bom desempenho durante o ano é fundamental que os pais sejam presentes na vida escolar.

A falta de incentivo dos pais e outros fatores também levam o aluno a não dar muita importância aos estudos, é muito importante que o aluno comece a ser disciplinado em casa sobre os benefícios que os estudos irão trazer futuramente em sua vida, porém nem todos os pais têm essa concepção. De certa forma se torna compreensível porque para alguns pais, que não tiveram estudos, o ensino depende da escola, enquanto, por outro lado, o aluno não tem muito interesse em estar buscando conhecimentos. Essa cobrança que é feita em relação ao aluno, para escrever de acordo com as regras ortográficas é para que futuramente não venha a ter dificuldades durante uma entrevista de emprego, assinar um cheque ou até mesmo escrever um texto. A própria sociedade letrada exige que a pessoa tenha esse desempenho para poder ter seu próprio lugar em meio a todos.

Durante a pesquisa, a direção e os professores de língua portuguesa da escola relataram que só alguns pais comparecem, no final ano, com o objetivo de cobrar as notas; durante o ano, porém, não comparecem nas reuniões e muitas vezes acham que o aprendizado só depende da escola: esse é mais um motivo que leva à defasagem do aprendizado dos alunos. Para Bortoni-Ricardo (2004: p.54), “a identificação do perfil social do aluno facilita o trabalho na sala de aula”.

Para a autora, o pai presente na vida do filho se preocupa com o futuro e tem aquele cuidado de estar observando se tem tarefa para fazer, incentiva-o a fazer leituras e procura saber sobre seu comportamento na escola. Com todos esses cuidados, torna-se mais fácil o aprendizado do aluno, mas quando os pais acham que é obrigação da escola ensinar e educar, então fica difícil para a escola e para o aluno ter um aprendizado de qualidade.

Para que o aluno venha a ter um desenvolvimento adequado nos estudos é muito importante que os pais tenham parceria com a escola.

A parceria é a forma mais adequada que a escola tem, juntamente com a família, aluno, e escola, de ajudar no crescimento do aluno. Além disso, diante de qualquer problema com o aluno ou algum evento dessa natureza, é muito importante que os pais estejam conectados com a escola.

Durante esta pesquisa, foi observado que os alunos gostam de desenvolver trabalhos em equipe, o que se apresentou como mais um ponto positivo que, apesar de aquela turma apresentar-se desmotivada, a princípio, na hora de participarem dos grupos foram excelentes. A convivência com eles foi muito satisfatória porque foi uma

aquisição de conhecimento de ambas as partes: a forma com que cada um se dedicou em participar não tem preço, esse aprendizado de troca e a descoberta de novas conquistas para eles foi uma experiência valiosa.

Diante desses fatos, fica claro que o professor tem que buscar novas técnicas para que o aluno possa ter mais participação durante as aulas; para que tudo isso venha a se concretizar, o professor precisa de apoio e suporte didático, pois do contrário fica muito difícil desenvolver um trabalho com qualidade dentro da sala de aula em que os alunos possam aprender com eficiência. A valorização do educador é um incentivo para que ele possa buscar elementos para desenvolver um trabalho com melhor qualidade juntamente com os alunos; diante de algumas dificuldades que o educador encontra no ambiente de trabalho, a solução é ser flexível com o pouco que tem e não desistir de levar seu conhecimento para quem precisa.

Nas correções das redações, os alunos foram auxiliados com o conhecimento das regras ortográficas e dicionários. Em cada texto analisado percebia-se a desordem na gramática e o uso de gírias era visível. Depois de identificar todas as marcas de oralidade nos textos redigidos pelos alunos, foi feita uma proposta para a professora de como ajudar os alunos, com o auxílio das normas ortográficas, do dicionário e a ajuda da própria professora.

Com esta pesquisa os alunos passaram por um grande desafio para melhorar sua escrita, vocabulário e o uso da norma culta. Cada ocorrência de desvio da norma padrão foi observada com muito cuidado, para que o aluno não viesse a se constranger, mas sim fosse incentivado a melhorar sua escrita. Na escola a educadora pôde explorar a criatividade desses estudantes, com o objetivo de eles debaterem sobre a língua e passassem a ter consciência da diferença entre a escrita escolar e escrita (nas postagens nas redes)-sociais. A ortografia permite uma melhor qualidade na escrita, desde que seja empregada adequadamente.

Para fazer um bom texto, ter uma ótima escrita é preciso ler, reler, escrever e rescrever.

No capítulo III serão analisadas as marcas da oralidade nos textos, que comprometem a qualidade da escrita dos alunos.

A seguir, no capítulo II, apresentaremos o referencial teórico que norteou esta pesquisa.

## Capítulo II

### Referencial teórico

Com base nos conceitos de alguns autores que se aprofundaram no estudo da oralidade e da escrita, realizaremos as análises do *corpus* constituído pelas ocorrências de marcas de oralidade nos textos escritos pelos alunos. Luís Antônio Marcuschi (2010) é um dos teóricos que se notabilizaram pelo amplo estudo a respeito da oralidade e da escrita, detalhando as diferenças e semelhanças entre ambas, para o autor, as duas formam um conjunto que incorpora as práticas sociais e culturais.

Tanto a escrita quanto a oralidade têm suas próprias características, porém a oralidade tem uma abrangência maior que a escrita, porque todo e qualquer povo, agrupamento ou comunidade possui uma língua oral, porém nem todos possuem a língua escrita, ou seja, os povos têm suas próprias tradições na oralidade, sendo que a escrita alguns têm e outros não.

A fala é adquirida naturalmente no convívio diário com os falantes na sua língua materna, por outro lado a escrita é aprendida no processo formal de letramento, sendo que a escola tem o compromisso de ensinar segundo um determinado método didático, a alunos na faixa etária específica (entre seis ou sete anos de idade).

A língua é considerada um património da cultura, sendo que a escrita é considerada um bem cultural entre a sociedade, com regras próprias e registros de diferentes níveis de uso, sendo que seu domínio traz prestígio e poder ao falante da língua. A escrita é adquirida de acordo com a necessidade e as possibilidades de cada pessoa, existem pessoas que aprendem a escrever somente para tirar documentos e ser capaz de reproduzir letras, sílabas e palavras, como se fossem “desenhos” do código verbal escrito. Nestes casos, a dificuldade de escrever se sobrepõe ao uso de regras ortográficas e gramaticais, pois constitui um esforço cujo sucesso é ser compreendido, ainda que com muitos equívocos e falhas. Dessa forma, as regras se tornam um requinte supérfluo, pois o essencial é conseguir se comunicar.

Soares (2003, p.) explica que “O indivíduo alfabetizado não é necessariamente letrado; alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever o indivíduo letrado é aquele que vive em estado de letramento, além de ter domínio com a leitura e a escrita, usa e prática adequadamente no convívio social”.

Marcuschi (2010, p.21) afirma que a diferença entre a fala e a escrita está direta e indiretamente relacionada ao som do universo e não na relação de dois polos. Ele ainda afirma que fala é uma manifestação textual-discursiva na modalidade oral que

abrange formas estruturais, ou seja, o ser humano usa a fala de forma sonora, enquanto a escrita se manifesta de forma textual-discursiva por meio de uma grafia.

Um dos problemas das aulas de língua portuguesa que concorrem para a existência acentuada de marcas da oralidade na escrita é a falta de trabalhar com atividades que utilizem e enfatizem a língua falada, estimulando a observação dos diversos usos e registros, para que os alunos possam perceber que existe diferença entre a escrita e a fala e se deem conta de que a fala não é tão passível de controle quanto a escrita, a qual tem regras a serem observadas, ou seja, há essa diferença entre oralidade e escrita e até uma influência da língua falada na escrita.

Um dos problemas que dificulta a aprendizagem de qualquer ortografia resulta de ser impossível que uma ortografia represente, de forma exaustiva, a variação contextual dos elementos fonológicos. A existência de sílabas tônicas com reflexo na realização das vogais átonas, a coarticulação dos sons, o sândi externo na sequência fônica de palavras, assimilações e dissimilações, epênteses e supressões de sons são processos lexicais ou pós-lexicais que determinam uma larga variação de realizações dos segmentos fonológicos de uma língua (MATEUS, 2006, p.10).

Os equívocos ortográficos ocorrem devido à “larga variação de realizações de segmentos fonológicos” que a língua possui, como afirma o autor da citação anterior. Se houvesse atividades didáticas que abordassem essa (não) relação entre fala e escrita, muitos problemas seriam menos complicados porque os alunos saberiam distinguir as diferenças em que essa transferência da linguagem para a escrita é apenas de uma passagem de uma ordem para outra ordem”.

Para Cagliari (1993, p.120),

A maioria das escolas não permite que a criança faça o seu aprendizado da escrita como fez o da fala. Ela não tem liberdade para tentar errar, comparar, corrigir, tudo deve ser feito ‘certinho’, desde o primeiro dia de aula.

Essa restrição traz algumas limitações para os alunos, ou seja, eles não têm liberdade de se expressar sobre o que pensam e isso vai se refletindo no processo de aprendizagem com o passar dos anos. O autor também afirma que “o erro mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala [...]”. Os exemplos mais comuns deste fato são aqueles em que aluno troca a vogal / o/ pela vogal / u/ e a vogal /e/ pela vogal /i/, esses são mais uma transcrição da fala para a escrita (“tumati” (tomate)).

Na concepção de Bortoni-Ricardo (2009, p.6), a escola tem o papel de ensinar fonologia, independentemente ou não da alfabetização, porque através desse método há como distinguir os sons das letras. A autora afirma que:

O desenvolvimento da consciência fonológica é uma condição necessária na aprendizagem da leitura e da escrita, independentemente do método

usado na alfabetização, embora sejam os métodos fônicos os que mais se valem do conceito de consciência fonológica.

Para a estudiosa, “a linguagem oral está ligada a alguns fatores como idade, sexo, raça, profissão, posição social e escolaridade”. Esses fatores vêm debilitando a escrita do indivíduo, pois aquele que tem um grau mais avançado nos estudos consegue, com mais facilidade, dominar a escrita; já para aquele que não o tem fica difícil.

Para Possenti (2005, p.6), “os alunos vão à escola para aprender a ler e a escrever segundo as regras ou normas de sua época” e acrescenta que a melhor forma de o professor ensinar a escrever e ter domínio da gramática e textualidade é conscientizar o aluno de que a escrita não é para ser usada só na sala de aula. Além disso, é importante dar a oportunidade para que o aluno observe e exponha suas deficiências, para que o professor os tome para exemplificar que no português brasileiro há possibilidades de acréscimo na fala em algumas palavras e que a escrita não se baseia somente nos fenômenos linguísticos ou variedades. É por isso que ele afirma tão veementemente que o aluno precisa se conscientizar de que a sala de aula é onde se deve aprender a ler e escrever.

Tais problemas de aprendizagem ocorrem desde o período de alfabetização dos alunos. Segundo França (2009, p. 03),

[...] o aluno segue a regra da fidelidade ensinada desde a alfabetização, escreve como se fala; segundo, que ele só pode fazer uso daquilo que ele tem: a sua variedade linguística, que em geral não é aceita pela escola. Assim, as marcas de oralidade que aparecem nos textos dos alunos, obedecendo ao princípio da fidelidade ensinada desde a alfabetização, são provas cabais de que os alunos foram mal alfabetizados.

Com essa concepção o autor aponta pontos problemáticos do processo de alfabetização, ou seja, se no decorrer das marcas da oralidade continuam sendo cometidos independentemente ou não da forma da oralidade, essa falha é atribuída ao quando o aluno é bem alfabetizado, no decorrer dos anos a tendência é ir melhorando a escrita e a oralidade.

Morais (2003, p.94) tem uma preocupação com o aprendizado do aluno; em relação à norma ortográfica, ele diz que o educador precisa se conscientizar e tratar a ortografia como objeto de reflexão para poder ajudar os alunos a aprender a recuperar as normas ortográficas em suas mentes para que possam escrever suas mensagens com eficiência; isto é uma forma de demonstrar atitude e respeito para com o leitor.

Creio que a escola precisa ajudar o aluno a “organizar mentalmente a norma ortográfica”, de modo que ele próprio avance na identificação das questões ortográficas que podem ser compreendidas e das restrições que terão que ser memorizadas. Assim, outra confusão a ser evitada é a ideia de que o conhecimento ortográfico é um conhecimento (apenas) de regras. Penso que tão útil como compreender regras é saber identificar o que é irregular.

O aluno precisa aprender a fazer e a interpretar textos usando a norma culta e observando as irregularidades, só dessa forma ele terá maior conhecimento das variantes linguísticas e das regras gramaticais. Não adianta o aluno escrever e não saber organizar e concatenar as ideias. Na concepção de Antunes (2003, p.54):

[...] elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e inter complementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita.

Não é fácil escrever um texto sem fazer um planejamento e colocar no papel todas as ideias de forma objetiva. A falta da leitura faz com que o aluno tenha dificuldade em escrever e elaborar textos, mas cabe ao professor de língua portuguesa estimular o interesse e o prazer pela leitura e a escrita dentro da sala de aula-

A realidade aponta que os alunos não gostam de ler o que o professor pode fazer a diferença em relação à falta de incentivo que não tiveram desde a infância, fato que faz parte de um processo sócio histórico. O professor precisa encontrar alternativas de resgatar o interesse desse aluno pela leitura e escrita, assim como aprimorar sua capacidade interpretativa.

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. (ANTUNES, 2003, p. 81).

Para o autor, o aluno deve perceber que um texto possui concepções ideológicas e ideias que o leitor pode observar e interpretar de várias formas usando o seu lado crítico, ou seja, nem tudo que está escrito é a verdade com a qual o leitor deve concordar.

Ao ler um texto em voz alta, pode-se perceber a diferença de sentido que os sons e a entonação podem estabelecer em cada frase, em cada palavra, isso ajuda o aluno a interpretar melhor e perceber o quanto é importante fazer uma leitura observando o significado de cada termo.

Ong (1998, p. 16) diz o seguinte:

A despeito dos mundos maravilhosos que a escrita abre, a palavra falada ainda subsiste e vive. Todos os textos escritos devem, de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionados ao mundo sonoro, hábitat natural da linguagem, para comunicar seus significados. Ler um texto significa convertê-lo em som, em voz alta ou ainda na imaginação, sílaba por sílaba na leitura lenta ou de modo superficial na leitura rápida, comum a culturas de alta tecnologia.

Na concepção do autor, a língua falada tem seu valor expressivo, ou seja, ela exprime claramente as ideias e informações para o leitor, por isso que fala e escrita se tornam de certa maneira essenciais para o aprendizado do aluno. Independente ou não da cultura, a escrita é artificial em relação à fala.

É muito importante que a escola, educadores e pais fiquem sempre atentos para que o aluno tenha um desenvolvimento adequado na escrita e na oralidade. O trabalho com a escrita é muito vagaroso porque a ortografia exige tempo para que o aluno reconheça a diferença entre a fala e a escrita e observe o som de cada palavra.

### CAPÍTULO III

#### Análise dos dados

Os alunos que redigiram os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa têm média de idade entre 14 e 17 anos; em sua maioria são adolescentes que foram criados em fazendas trabalhando com seus pais, só vieram a ter contato com a escola na cidade, fato que explica também a dificuldade na escrita e o uso de palavras consideradas fora do padrão da norma culta.

Na primeira fase da pesquisa, foram recolhidas as redações e depois corrigidas; na segunda fase, foram selecionadas algumas palavras com ocorrências encontradas nos textos redigidos pelos alunos, com base nos exemplos de Bortoni-Ricardo (2005, p.52) e Cagliari (2006, p.24).

Bortoni-Ricardo (2005, p.53) afirma que “Essa técnica da diagnose permite a identificação dos erros, bem como a elaboração de materiais didáticos destinados a atender as áreas cruciais de incidência.”

<b>TIPIFICAÇÃO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
<b>Fonológicos</b>	<b>Transposição para escrita</b>
<b>Morfológicos</b>	<b>Separação, junção e omissão dos fonemas.</b>
<b>Sintáticos</b>	<b>Concordância verbal e nominal</b>

Os alunos precisam ter consciência do que estão escrevendo e refletir sobre o significado das palavras, a diferença entre a escrita e os termos usados na fala do dia a dia.

A diferença entre a palavra pronunciada e a escrita deixa o aluno em dúvida a respeito da grafia devido à pronúncia de algumas letras ser parecida. Outras vezes os equívocos ocorrem devido à falta de atenção e a pressa de terminar rápido o exercício.

Cada palavra ou expressão retirada do texto foi analisada junto com os alunos e a professora de Língua Portuguesa com o intuito de eles refletirem sobre a diferença que existe entre a escrita e a forma de pronunciar. Existem diferenças na pronúncia de algumas palavras que são escritas da mesma forma que se pronuncia ou não. Ex: “ta”, “tava”, “to”, formas de redução que existem na oralidade que, em vez de serem escritas “está”, “estava”, “estou”, são escritas tal como se fala e isto só dificulta a compreensão do texto que o aluno produz. Isso ocorre quando o aluno foi alfabetizado



de forma inadequada, ou seja, não foram enfatizadas as diferenças entre oralidade e escrita durante a alfabetização. Em alguns casos alguns alunos foram alfabetizados pelos seus pais, que só sabem ler e escrever, mas a escola deve estar sempre buscando a melhor metodologia para ajudar esse aluno a melhorar sua fala e escrita dentro da sociedade.

### **1ª- Ocorrência**

#### Manha – manhã:

Neste exemplo citado (manha), podemos observar não existe a presença do sinal gráfico de nasalidade, que dá uma mudança significativa no sentido da palavra, esse é um tipo de inadequação entre a fala e escrita do texto redigido pelo aluno. Por que vêm acontecendo esses tipos de equívoco? Devido à falta de atenção, a deficiência na leitura e o empenho nos estudos: esses pequenos erros denunciam a presença da oralidade na escrita, muitas vezes dificultando o entendimento da mensagem transmitida. Há alguns anos houve algumas mudanças ortográficas, mas nesse caso é bem diferente.

### **2ª- Ocorrência**

#### Desesete – dezessete:

Neste caso o escrevente não tem conhecimento entre os fonemas /S/ e /Z/ e grafemas; a troca dessas letras acontece em algumas situações por ter o mesmo som, por isso pode causar certa confusão.” A forma mais eficaz de não cometer esses erros é ler e escrever de forma mais habitual. Existem algumas regras que podem ajudar quando surgirem dúvidas. Existem os dicionários que podem ser consultados na sala de aula, onde o professor pode estar auxiliando o aluno. Castilho (1998, p.13) afirma que:

[...] não se acredita mais que a função da escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão sobre a língua que falamos, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo se descobriria a importância da língua falada, mesmo para a aquisição da língua escrita.

Cabe aos professores desenvolver atividades que estimulem os alunos a praticar a leitura em voz alta, onde o aluno possa observar a pronúncia das palavras. Para que

isso venha a acontecer, o professor precisa de incentivo para que seu trabalho seja desenvolvido com mais clareza e segurança. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.53), estão as orientações sobre a importância da prática da leitura.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, e do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. A prática da leitura no dia a dia traz transformações e conhecimento para o leitor, sem que ele perceba de imediato, essa transformação vem desenvolvendo uma comunicação de qualidade e uma escrita mais clara.

### 3ª- Ocorrência

No terceiro exemplo, o aluno tem muitas dúvidas ao escrever derepente ou de repente, se é junto ou não; mas diante dessa dúvida, a melhor forma é consultar o dicionário, livros didáticos ou perguntar ao professor: situações onde suas dúvidas possam ser esclarecidas.

As atividades desenvolvidas na sala de aula ajudam bastante o aluno a ter conhecimento do que ele pronuncia e escreve; ao redigir um texto ele precisa ler e reler e, se for preciso, reescrever, para que possa observar os erros gramaticais cometidos e comparar com sua própria pronúncia. A escrita e o som da pronúncia são bem diferentes em algumas palavras.

As atividades que os professores desenvolvem com os alunos deverão ser dinâmicas para que o aluno possa ter mais interesse pela leitura e escrita e de forma que eles coloquem em prática seus conhecimentos. Conforme explica as DCE (2008, p. 54):

Tendo em vista a concepção de linguagem como discurso que se efetiva nas diferentes práticas sociais, o processo de ensino aprendizagem na disciplina de língua, busca:

Desenvolver o uso da língua escrita em situações discursivas por meio de práticas sociais que consideram os interlocutores, seus objetivos, o assunto tratado, além do contexto de produção;

Aprimorar os conhecimentos linguísticos, de maneira a propiciar acesso às ferramentas de expressão e compreensão de processos discursivos, proporcionando ao aluno condições para adequar a linguagem aos diferentes contextos.

### 4ª- Ocorrência

Em vez de escrever dormir, alguns alunos trocam a vogal /o/ pela vogal /u/, isso devido às regras fonológicas.

Cagliari (1993, p. 138-139) afirma que “o erro mais comum dos alunos é Caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala [...]”. Esse é mais um caso visível da interferência da oralidade na escrita.

Os alunos usam gírias ao escrever textos como se estivessem falando com seus amigos: isso leva a crer que a falta de conhecimento da norma culta torna difícil redigir um texto no gênero escolar (formal). Hoje os obstáculos se multiplicaram em relação à Língua Portuguesa devido ao conceito linguístico de respeito à oralidade e à relativização do conceito de erro, que passaram a ser compreendidos e respeitados enquanto variantes, colocando a oralidade e a escrita em situação de igualdade enquanto objetos e estudo e meios de comunicação entre os sujeitos. O problema, contudo, decorre, também, do fato de que os erros cometidos pelos alunos vêm acontecendo devido ao convívio com suas famílias não alfabetizadas, não leitoras, originárias da zona rural e distantes do letramento literário. Quando a família é letrada dificilmente acontece esse distanciamento entre a oralidade e a escrita. A fala apresenta maior flexibilização em sua realização porque a diversidade cultural é muito ampla e, por si, já justificam a existência de diferentes níveis e formas de expressão oral, que ocorrem devido a vários fatores como:

Fatores regionais: Onde se pode perceber a diferença do português falado de uma região para outra;

Fatores culturais: A formação cultural de um indivíduo é diferente da formação do outro;

Fatores contextuais: A forma como se fala com os amigos é diferente ao falar em um discurso ou em uma solenidade;

Fatores Profissionais: Quando o exercício de alguma atividade requer uma linguagem mais técnica;

Fatores Naturais: Quando o falante sofre influência de fatores como a idade e sexo.

Bortoni-Ricardo (1991) explica essa ocorrência:

Erros decorrentes da transposição de hábitos de fala para a escrita são bastante comuns, aliás, é razoável o aluno apresentar erros desta categoria, a variante padrão está longe dos bancos escolares, assim o aluno ouve, repete na fala e transpõe na escrita.

## 5ª- Ocorrência

Ao usar as palavras “mais” e, “mas”, os alunos não sabem qual a diferença e quando se deve empregar uma ou outra. Essas palavras são bem parecidas na sonoridade, por isso é muito comum este equívoco. O dicionário é importante aliado no esclarecimento de dúvidas, mas existem preconceitos em relação ao uso do dicionário, às vezes o aluno tem vergonha de usá-lo dentro da sala, por ser zombado pelos colegas e o dicionário ser denominado de “pai dos burros”. O incentivo é fundamental para os alunos; cabe ao professor aplicar atividades que demandem o uso do dicionário para que esse preconceito venha a ser extinto. Para POSSENTI (1996, p.20), os alunos precisam se conscientizar de que é sim a própria sala de aula o local onde se deve aprender a ler e a escrever.

A falta de conhecimento dos alunos leva-os a cometer várias falhas ortográficas. As situações de uso da escrita – que poderiam colocar esses conhecimentos à prova – hoje em dia são as redes sociais, as quais não têm nenhum tipo de mecanismo de controle e de restrição de uso da linguagem escrita de acordo com a gramática. As pessoas que usam precisam se conscientizar de que nem tudo que se lê vai enriquecer seus conhecimentos, estando ou não escrito de acordo com a norma culta.

Além da falta de conhecimento dos alunos, há a falta de monitoramento do aluno em relação ao uso adequado da escrita; tal postura traz prejuízo ao texto escrito. Em alguns casos os erros são mais complexos por usarem linguagem sem nexos, ou seja, sem nenhum sentido; algumas redações apresentavam palavras que os próprios alunos não entendiam e não sabiam por que escreveram.

São situações alarmantes, embora a prática da oralidade seja um meio de comunicação em que o aluno tem a oportunidade de inserir-se em sua própria cultura e nas tradições de seu povo.

## 6ª- Ocorrência

Outros equívocos por parte dos alunos são aquelas palavras que contêm SS, como promessa com o som de /s/. Esse foi mais um dos erros cometidos pelos alunos, porque, em termos sonoros, tanto as palavras grafadas com “s” (não estando entre vogais) e “SS” são iguais na pronúncia. Quando o aluno faz essa transferência da oralidade para a escrita, em alguns casos é uma transcrição fonética. Bortoni- Ricardo (2006, p. 37) adverte que.

É necessário lembrar que escrever não é apenas fazer a transcrição fonética da fala. Nem sempre se pode atribuir um único som para cada letra. Um exemplo claro disso é a palavra “casa” que escrevemos com “s” e pronunciamos com som de “z”.

## 7ª- ocorrência

A palavra baixo foi escrita pelo aluno dessa forma: baxo. Houve uma supressão das letras **i** na escrita; isso ocorre devido à influência da oralidade e a rapidez com que se realiza a fala. Bortoni- Ricardo (2006, p.95) afirma que.

A perda da semivogal nos ditongos resulta em um processo denominado monotongação. No ditongo /ou/ a monotongação é um processo muito antigo na língua, desde a evolução do latim para o português.

Veja os exemplos:

Paucum→pouco→poco

aurum→ouro→oro

Para a autora, a monotongação está sempre presente no dia a dia da linguagem dos brasileiros; esse processo ocorrido na oralidade se reflete na hora de digitar um texto.

## 8ª- Ocorrência

“**Ata**” - essa é uma expressão que é escrita assim com frequência, em vez de ser escrita “**ah, tá**”, que indica algo que está certo: uma interjeição (ah), que exprime espanto, surpresa, desapontamento, admiração, seguida da expressão verbal “está certo”, com a supressão do vocábulo “certo” e abreviação (influenciada pela oralidade) do verbo “estar”, com acento para indicar que é uma expressão oxítona. **Ata** é uma gíria que surgiu na *net*, que é pronunciada de um jeito (acento tônico na última sílaba), mas escrevem da mesma forma que pronunciam, porém sem acento gráfico, o que torna a palavra uma paroxítona, dando outro sentido à expressão. **Ata** é um substantivo feminino que se refere principalmente a um documento, um registro escrito do que acontece em reuniões ou assembleias.

Outro significado da palavra *ata* é uma fruta que é conhecida como fruta-do-conde. Essa expressão “**ah, tá!**” pode ser usada para indicar concordância ou entendimento de algo.

Bortoni-Ricardo (2006, p.42), sugere uma estratégia de intervenção:

Culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a identificação e a conscientização da diferença.

Para a autora o professor precisa em primeiro lugar identificar as irregularidades ortográficas e depois interferir e conscientizar o estudante sobre o assunto. Com essa conscientização, objetiva-se que o aluno perceba com cuidado ao escrever.

Para o professor é muito complicado quando os pais não participam da vida escolar do aluno; é como o caso que Possenti havia citado em que os pais sempre acham que a escola tem obrigação de educar e ensinar.

Em conversa com os alunos se observou que eles não tinham preocupação em pronunciar as palavras, como gírias e outras que são usadas entre os grupos; durante o diálogo alguns falaram que da mesma forma que pronunciavam, escreviam. Para eles isto é normal, mas quando foi explicado que a escrita tem regras a serem seguidas, foram bem compreensivos e aceitaram participar da pesquisa. Outro detalhe que foi observado durante o desenvolvimento do trabalho é que alguns alunos tinham vergonha de ler em voz alta diante dos colegas, mas com o passar do tempo foram perdendo a timidez.

Foi proposto para os alunos que formassem grupos de no máximo cinco pessoas; para cada grupo foi entregue uma lista com as palavras que continham erros ortográficos e um dicionário para que eles pudessem observar os diferentes significados entre as palavras retiradas dos textos e as palavras do dicionário. Depois da observação destas palavras, foi explicada a regra ortográfica cabível dentro dos contextos em que eles redigiram; devido a essa explicação eles tiveram uma noção de que não se deve escrever da mesma forma que se pronuncia. Além da ortografia, foi preciso aprofundar um pouco sobre outros aspectos da gramática e explicar sua importância.

A cada grupo foi sugerido um desafio usando a lista de palavras, para que eles desenhassem figuras com as palavras erradas e corretas, ou pesquisassem nas redes sociais. Depois que cada grupo terminou a primeira etapa dos desenhos, fez-se um painel e foram apresentados seus desenhos no pátio da escola em forma de *memes*, mostrando o significado de cada palavra de forma divertida para que os alunos das outras turmas entendessem a mensagem que estava sendo transmitida. Essa foi uma das formas pela qual eles puderam apresentar o que aprenderam em relação aos erros cometidos na escrita por influência da oralidade.

Este trabalho foi muito importante para os alunos, principalmente depois da apresentação; eles se tornaram exemplos de modo geral diante da escola e quando os professores pediam para fazerem trabalhos, logo já estavam animados para fazer porque sabiam que agora tinham apoio para usar sala de vídeo e outras tecnologias.

A direção da escola disponibilizou a sala de informática e a biblioteca para que os alunos realizassem suas pesquisas; além disso, outras professoras pediram que as atividades fossem realizadas também com outras turmas. A partir dessa pesquisa

e apresentação dos trabalhos foi observado que os alunos passaram a ter mais cuidado ao escreverem seus textos.

A pesquisa trouxe benefícios tanto para os alunos como para a professora porque os alunos gostaram dessa inovação da dinâmica em sala de aula e acharam bem mais útil trabalhar em grupos. Para a professora foi ótimo o apoio que foi dado, pois contribuiu para que ela desenvolvesse novas ideias dentro da sala de aula e os alunos passaram a se dedicar mais aos estudos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, a direção da escola disponibilizou a sala de informática e a biblioteca para que os alunos pudessem fazer suas pesquisas. Depois de finalizada toda a pesquisa, aquela turma, que era considerada problemática, passou a ser vista com outros olhos. Atingindo um dos objetivos de nosso trabalho, observamos que a pesquisa trouxe, tanto para eles como para a professora de LP, ideias de inovações, com as quais ela pôde desenvolver outras aulas com dinâmicas e com participação de todos os alunos.

As regras ortográficas da Língua Portuguesa foram objeto de produção de novos textos nos ambientes virtuais com os usos de novas tecnologias, que ilustravam, por meio da linguagem não verbal e imagens de textos, os diferentes sentidos.

### **Manhã**



### **Manha**



**MERISVALDO** R\$3,00  
*Cabeleireiro*  
 Só Mente AOS DOMINGOS

PUDIM DE LEITE  
**CONDENADO** E  
 DOCES DIVERSOS  
 R\$26,90KG



Só mente???



Potato Killer  
 your place

**CAMELOS LONGOS:**

<b>EXPECTATIVAS:</b> 	<b>REALIDADE:</b> 
--------------------------	-----------------------

356 Likes  
 Potato Killer #meoaxacomer  
 21 MINUTOS AGO

O QUE ELE DISSE:

O QUE ELE QUIS DIZER:

NÃO  
 VENDEMOS  
 CERVEJA  
 FIADO  
 POR  
 GENTILEZA  
 NÃO  
**EXISTA.**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi baseada na experiência de estágio de Língua Portuguesa vivida na E.E Luiz da Costa Falcão. Durante as atividades realizadas no Ensino Médio, a professora regente da turma passou várias atividades de produção de texto e com elas percebi o quanto a oralidade influenciava na escrita dos alunos e que havia uma grande defasagem, sobretudo na ortografia. Diante disso, decidi fazer esta pesquisa: tentar compreender os motivos de essa escrita ser tão influenciada pela língua oral e realizar uma análise de palavras retiradas das redações dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio nas turmas de 2019, na escola citada anteriormente.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral investigar por que a oralidade influenciava tanto na escrita, e os motivos pelos quais os alunos achavam normal escrever da mesma forma que pronunciavam as palavras. Com a correção das redações e com o auxílio de um dicionário e do estudo das regras ortográficas, foi possível atingirmos tal objetivo e a pesquisa teve muito êxito porque foi possível analisar a influência da oralidade na escrita.

O projeto já estava no papel, mas a pesquisa só foi possível depois de uma professora do 1º ano do Ensino Médio comentar que não sabia como ajudar seus alunos a melhorar suas redações, sobretudo a ortografia, pois escreviam da mesma forma que pronunciavam as palavras. Diante desse comentário, surgiu a ideia de desenvolver o projeto.

No primeiro momento de execução, a tarefa era identificar os principais erros durante conversas com os alunos juntamente com a professora. Foi possível observar que a linguagem que eles usavam era a mesma que apresentavam nos textos produzidos por cada um, em sala de aula. As produções apresentavam marcas de oralidade e variantes bastante diversificadas, fato que dava a a dimensão da influência da oralidade na escrita. Durante o desenvolvimento deste projeto observou-se grande desconhecimento, por parte dos alunos, das regras ortográficas, seu emprego e seu funcionamento na língua escrita, tendo sido de grande importância a escolha dessa turma para colocar em prática o projeto e despertar essa consciência nos estudantes.

Na correção das redações, foram retiradas as palavras que traziam marcas e influência da oralidade e analisadas conforme as teorias propostas por Marcuschi (2010), Possenti (1996), Bortoni-Ricardo (1991), Cagliari (1993), Castilho (1998), Santos (2014), Antunes (2003) e Ferreira (2013).

Portuguesa, especificamente no que tange ao uso das regras ortográficas, procurando explorar os sentidos para a abertura para a criatividade, oferecendo aos alunos a possibilidade de melhorar sua escrita e vocabulário.

Todos os alunos participaram do desenvolvimento da pesquisa e das produções realizadas em grupo e individualmente, sendo que cada grupo se dedicou a entender e a levar seus conhecimentos a outras turmas. Com o desenvolvimento da pesquisa, os alunos tiveram a oportunidade de observar e refletir sobre seu desempenho ortográfico em suas redações. Com essas atividades pedagógicas, os estudantes passaram a interagir mel

A partir das análises ortográficas, foi possível idealizar este projeto de Língua por entre si e a trabalhar em grupos em busca de novos conhecimentos.

Com essa finalidade, a pesquisa trouxe novas ideias de inovações tanto para os estudantes quanto para a professora. Na escola, a educadora pode explorar a criatividade desses estudantes com a intenção de eles refletirem sobre a língua e ter consciência de suas práticas de linguagem, sobretudo nas postagens nas redes sociais.

No princípio houve um pouco de dúvida, os estudantes ficaram meio assustados com essa inovação, mas depois se percebeu que os alunos estavam gostando da ideia de trabalhar com algo novo e dinâmico.

Depois das atividades eles tiveram outra visão em relação à escrita e à oralidade, puderam refletir sobre o que escreviam e por que não podiam escrever da mesma forma que falavam. A empolgação foi tão grande que resolveram apresentar para as outras turmas como motivação e mostrar que mesmo sem ter incentivo em casa nunca é tarde para o aluno buscar novos conhecimentos independentemente ou não de sua cultura. Também foi observado, durante a pesquisa, que os alunos que tinham mais dificuldade na escrita eram os que moravam na zona rural e estavam na cidade só para estudar. Os que já moravam há mais tempo na cidade geralmente usavam gírias e escreviam faltando letras. O mais importante desta pesquisa foi o resultado que ela trouxe para os alunos tanto na teoria como na prática.

Diante da metodologia proposta, percebeu-se que poderia ter sido coletada e analisada uma quantidade maior de textos, mas devido às dificuldades encontradas para desenvolver o trabalho, só foi possível uma turma. Por falta de credibilidade de alguns gestores, não foi possível ampliar essa pesquisa para todas as turmas. Felizmente encontrei pessoas que me incentivaram para que o projeto fosse levado adiante, impulsionando-me a não desistir dos objetivos. O mais importante, contudo, é que o projeto foi aceito e desenvolvido com sucesso.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004. 2005, p.52/1991, p.27/2009, p.20.
- \_\_\_\_\_. *Nós chegemu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2006, p.28.
- CASTILHO, Ataliba. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlo. *Alfabetização & linguística*. 6. Ed. São Paulo: Scipione, 1993/2006, p.24.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 2008.
- FRANÇA, J. M. *Por uma prática da oralidade nas aulas de língua materna: escrita, letramento e gênero textual*. Linguagem. V.1 5ª edição. 2009. Disponível em: [http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao\\_05/](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao_05/) Acesso em: 20/11/2016.
- FERREIRA, Helena Maria; VIEIRA, Mauriceia Silva de Paula. *Gêneros textuais e discursivos: guia de estudos*. Lavras: UFLA, 2013.
- MATTOS, Geraldo. *Dicionário Junior da língua portuguesa*. 4º Ed. São Paulo: FTD, 2011.
- MATEUS, Maria Helena. *Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa*. Em: Estudos da Linguagem: *Questões de Fonética e Fonologia: uma Homenagem a Luís Carlos Cagliariari*. Bahia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio... [ET tal]; SIGNORINI, Inês. Org. *Investigando a relação oral/ escrito*. São Paulo: Mercado das letras, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2003/2010, p.21

MORAIS, Artur Gomes de. *O aprendizado da ortografia*. 3ª Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998. [Original inglês: 1982].

*Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa*. Curitiba: SEED, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) Ensinar Gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996/2005, p.21.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*: São Paulo: Contexto, 2003.